

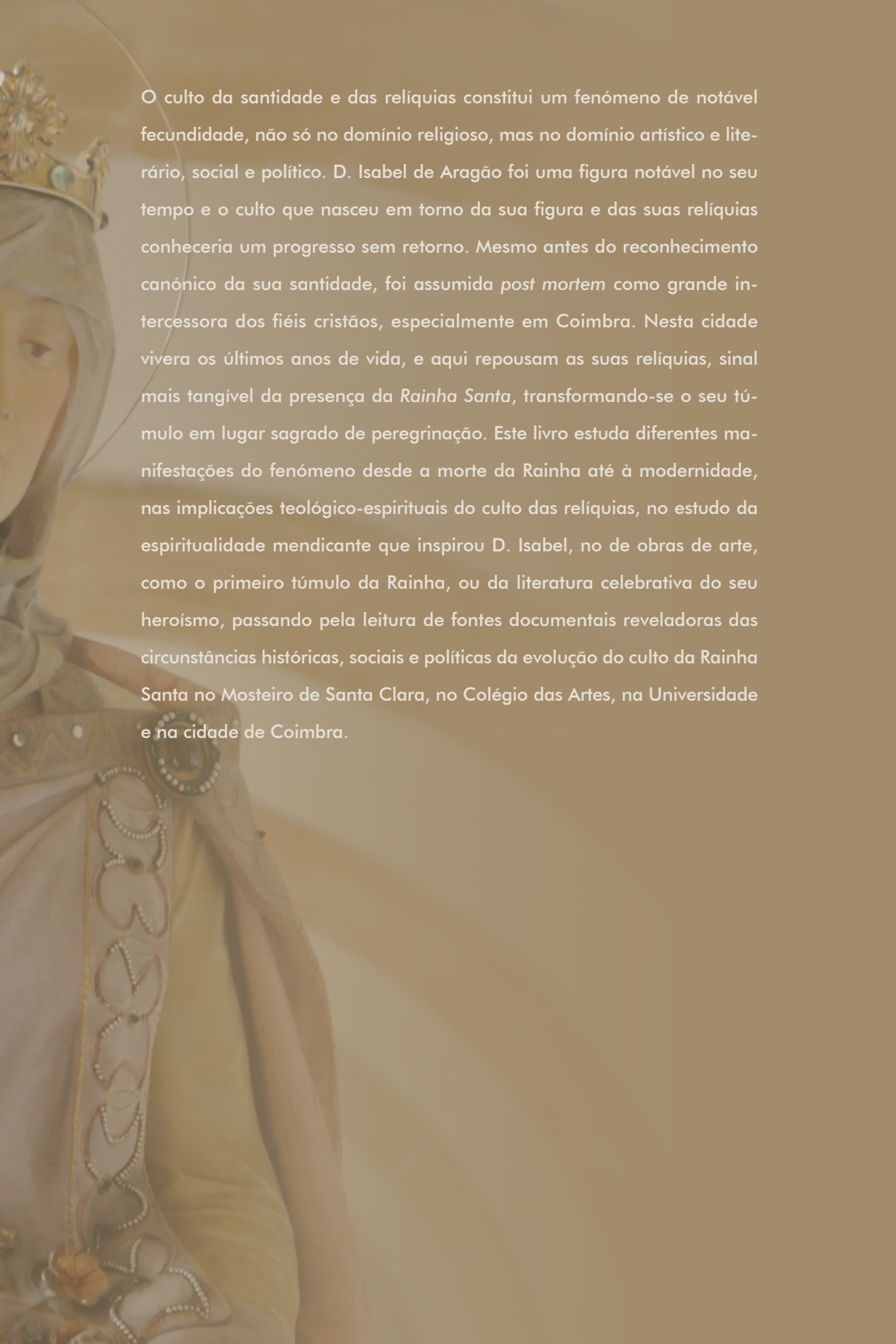
ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO
CARLOTA MIRANDA URBANO
(COORDS.)

ISABEL, RAINHA E SANTA

PERVIVÊNCIA DE
UM CULTO CENTENÁRIO

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS





O culto da santidade e das relíquias constitui um fenómeno de notável fecundidade, não só no domínio religioso, mas no domínio artístico e literário, social e político. D. Isabel de Aragão foi uma figura notável no seu tempo e o culto que nasceu em torno da sua figura e das suas relíquias conheceria um progresso sem retorno. Mesmo antes do reconhecimento canónico da sua santidade, foi assumida *post mortem* como grande intercessora dos fiéis cristãos, especialmente em Coimbra. Nesta cidade vivera os últimos anos de vida, e aqui repousam as suas relíquias, sinal mais tangível da presença da *Rainha Santa*, transformando-se o seu túmulo em lugar sagrado de peregrinação. Este livro estuda diferentes manifestações do fenómeno desde a morte da Rainha até à modernidade, nas implicações teológico-espirituais do culto das relíquias, no estudo da espiritualidade mendicante que inspirou D. Isabel, no de obras de arte, como o primeiro túmulo da Rainha, ou da literatura celebrativa do seu heroísmo, passando pela leitura de fontes documentais reveladoras das circunstâncias históricas, sociais e políticas da evolução do culto da Rainha Santa no Mosteiro de Santa Clara, no Colégio das Artes, na Universidade e na cidade de Coimbra.



I N V E S T I G A Ç Ã O



EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

IMAGEM DA CAPA

by Babo Ribeiro

INFOGRAFIA

Margarida Albino

INFOGRAFIA DA CAPA

Mickael Silva

PRINT BY

KDP

ISBN

978-989-26-1951-4

ISBN DIGITAL

978-989-26-1952-1

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1952-1>

Projeto CECH-UC: UIDB/00196/2020 - Centro de Estudos
Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra



© JULHO 2020, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO
CARLOTA MIRANDA URBANO
(COORDS.)

ISABEL, RAINHA E SANTA

PERVIVÊNCIA DE
UM CULTO CENTENÁRIO

IMPrensa DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

<i>Valor e Significado das Relíquias no Culto dos Santos</i> , Alberto Júlio Silva	11
<i>A espiritualidade mendicante ao tempo da Rainha Santa Isabel de Portugal</i> , Saul António Gomes.....	23
<i>O Primeiro Túmulo da Rainha Santa: Relicário e Relíquia</i> , Francisco Pato de Macedo	45
<i>O Culto da Rainha Santa, no Colégio das Artes, em Meados do Século XVI. A Obra de Pedro Perpinhão</i> , Helena Costa Toipa....	83
<i>Festas e Devoção à Rainha Santa em Coimbra no Séc. XVII</i> , Carlota Miranda Urbano.....	121
<i>O Theatro e Aparato Solenne de Bernini: A Cerimónia de Canonização da Rainha Santa Isabel em 1625 através de uma Gravura Seiscentista</i> , Milton Pedro Dias Pacheco	137
<i>A Epopeia da Paz e da Piedade: A 'Historia Proveitosa [...Da Vida] de Hua Santa Rainha'</i> , Manuel Ferro	187
<i>Préstitos Universitários à Rainha Santa na época moderna</i> , Bruno Sampaio Lobo	233
<i>'Prudente condição, discreto aviso'. Os emblemas de Quevedo Castelo Branco no Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel</i> , Filipa Medeiros	247
<i>A Confraria e o Culto à Rainha Santa</i> , António Manuel Ribeiro Rebelo.....	273

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Festejamos, em 2020, o 750º aniversário natalício de D. Isabel, Infanta de Aragão e Rainha de Portugal, aquela que, por antonomásia, é conhecida em Portugal pelo nome de Rainha Santa, uma distinção que recebeu da *vox populi*, logo desde os primeiros instantes em que foi conhecido o seu passamento, tão marcante havia sido a sua vida e a sua obra. O povo, sobretudo os mais carenciados, os doentes e enjeitados, os socialmente excluídos, que a ela recorriam em vida, com maior fé e insistência o faziam junto do seu túmulo, donde saíam favorecidos e sarados por intercessão de tão excelsa protectora.

Nasceu em Aragão e deu o último suspiro em Estremoz, mas foi em Coimbra que desejou que o seu corpo repousasse. Muitos tributos ela tem granjeado, com todo o mérito e justiça, da cidade do Mondego, das suas gentes e da sua Universidade, a cuja fundação ela assistiu. Não rezam as crónicas que tivesse tido papel explícito na fundação dos Estudos Gerais em Portugal. Mas era uma mulher culturalmente muito interessada, que se preocupava com a educação do ser humano, senhora de um sólido saber médico e livresco, sensível ao belo e perita em várias artes. Por isso, a criação da Universidade portuguesa, há 730 anos, não passaria ao lado de tão notável mulher de cultura, possuidora de uma vasta erudição, não seria indiferente a uma esposa tão coadjuvante nas tomadas de decisão e tão preponderante na acção diplomática. Ela emparceirava com seu ilustre Rei e marido, a quem sempre acompanhava, fazendo-se presente na assinatura da documentação régia. Efectivamente, a chancelaria demonstra à saciedade esta evidência singular de que

o Rei, nas suas viagens e deslocações constantes pelo país, não dispensava a companhia e assistência da Rainha. Frequentemente o nome da Rainha figurava ao lado do do Rei, indício de que o soberano tinha em elevado apreço o arguto juízo e esclarecido discernimento de D. Isabel. Este estilo de governação “en sembra com a Reÿna dona Jsabel” não teve continuidade nos reinados seguintes e extinguiu-se à morte de D. Dinis. Efectivamente, o Rei não só lhe reconhecia um estatuto intelectual e cultural ímpar, como também lhe intuía uma especial habilidade e mestria no domínio da diplomacia e da mediação da paz, que muito contribuiu para prestigiar a imagem de D. Dinis nos reinos ibéricos. Em todo este proceder, D. Isabel demonstrou competências relevantes, enquanto Rainha, na arte da governação, como cantou o Rei Trovador em sua honra, ao confessar-lhe, com toda a justiça: “Érades boa para rei”.

A Rainha Santa revelou-se um autêntico prisma refractor de virtudes humanas e espirituais. Além de se ter evidenciado pela mencionada acção pacificadora, ao serviço do bem-estar do reino e dos seus familiares e súbditos, pela sua humildade, espírito de obediência, altruísmo e generosidade, pela sua abnegação e desapego aos bens materiais, notabilizou-se ainda pela prática de obras de misericórdia e de caridade, imbuídas de um amor genuíno a todo o seu semelhante. Nesta última vertente, foi incansável na promoção de uma vasta e pluriforme acção assistencial, junto dos marginais e desvalidos, dos leprosos e demais enfermos, dos pobres, dos idosos, das mulheres caídas em desgraça, das jovens mães, dos órfãos e dos expostos, o que lhe valeu uma aura de santidade que atravessou os séculos e se mantém viva na devoção dos seus principais devotos hodiernos: os pobres e excluídos do séc. XXI.

Como recorda o historiador Peter Brown no seu livro sucessivamente reeditado, ainda hoje de referência, *The Cult of the Saints*¹, Teodoreto

¹ *The Cult of the Saints Its Rise and Function in Latin Christianity* (Chicago 1981).

de Cirro, no séc. V, traduzindo a sensibilidade dos fiéis cristãos do seu tempo, afirmava que para o povo cristão, os nomes de filósofos, oradores e generais do passado tinham caído no esquecimento, os dos mártires, porém, eram conhecidos de todo o povo, melhor que os nomes dos seus amigos mais chegados. Os mártires, esses primeiros santos, eram os amigos invisíveis e íntimos dos cristãos. Profundamente enraizado na antiguidade cristã e nos seus mártires, o culto dos santos atravessou séculos, milénios já, reflectindo nas suas diversas expressões as transformações culturais do devir histórico, mas sempre, de um modo mais ou menos consciente, abarcou esta dimensão da busca de protecção e mediação por parte daqueles que, sendo plenamente humanos como o comum fiel, participam plenamente da Glória divina. Santa Isabel de Portugal – ou Rainha Santa, como é vulgarmente referida pelos fiéis, e não só – foi seguramente ao longo dos séculos a amiga “invisível” de muitos que lhe confessaram no íntimo do seu coração as angústias, anseios e necessidades, e que rejubilaram em graças alcançadas. Ainda hoje sabemos que é assim. Quem, neste espírito, acorre ao templo que guarda as suas relíquias, não se dirige a uma mulher do passado que merece ser recordada pela sua vida edificante, mas a uma figura que está viva no tempo de cada devoto, que ultrapassou já as barreiras de *cronos* e venceu todo o limite humano.

Com efeito, mais de sete séculos depois, a figura de Santa Isabel permanece bem viva na memória popular, continua a inspirar pequenos e graúdos, pobres e ricos, jovens e idosos, saudáveis e doentes, num fascinante enlevo que não esmorece, mas se aviva, sempre renovado, seja nos seculares festejos tradicionais, é certo, seja também, diariamente, na piedosa intimidade da devoção popular, nos olhares esperançosos, nos rostos agradecidos, nos académicos que lhe estudam a alma, aclamam as virtudes e a veneram com panegíricos arrebatadores, nos artistas que lhe perpetuam a mística de santidade, nos intelectuais que sobre ela discorrem, nos escolares que a cantam com emoção e a estudam com fascínio.

Não terá sido indiferente ao desenvolvimento desta veneração em Coimbra a presença do túmulo e das suas relíquias, sinal tangível da presença desta “amiga invisível”, que, fortemente ligada a um espaço e um túmulo visíveis, os sacralizava, transformando-o em lugar sagrado de peregrinação. E não só as massas populares, como as elites, que vêem na Rainha um *exemplum ad imitandum*, um modelo de virtudes, tanto na esfera familiar como na política, acorrem em peregrinação ao templo que guarda as suas relíquias, conferindo-lhe um elevado valor sacral e espiritual com as decorrentes transformações culturais e artísticas de que foi objecto ao longo dos tempos.

Não obstante as transformações culturais e políticas da história e da sensibilidade religiosa dos fiéis, o culto de Santa Isabel manteve-se até aos nossos dias, reflectindo naturalmente essas mudanças, eventualmente assumindo parte activa nelas, revelando ao longo dos séculos diferentes traços de um retrato, em que sobressai ora um ora outro no perfil de santidade da Rainha, conforme o sentir e as ânsias de cada tempo.

As expressões deste culto e os seus reflexos espirituais, literários e artísticos continuam a desafiar os investigadores na compreensão do fenómeno. Para esse objectivo este livro pretende constituir-se, neste ano jubilar, como um contributo válido e actual, ancorado na sólida investigação das implicações teológico-espirituais do culto das relíquias, no estudo da espiritualidade mendicante que inspirou D. Isabel, cujas leituras nos são plasmadas em numerosíssimas obras de arte – com especial devoção para o primeiro túmulo da Rainha – ou vertidas na literatura celebrativa do seu heroísmo, sem menosprezar a sempre fundamental leitura e interpretação de fontes documentais reveladoras das circunstâncias históricas, sociais e políticas da evolução do culto da Rainha Santa no Mosteiro de Santa Clara, no Colégio das Artes, na Universidade e na cidade de Coimbra.

A coordenação,

António Manuel Ribeiro Rebelo

Carlota Miranda Urbano

**A EPOPEIA DA PAZ E DA PIEDADE:
A ‘HISTORIA PROVEITOSA [...DA VIDA]
DE HÛA SANTA RAINHA’
THE EPICS OF PEACE AND PITY: THE ‘HELPFUL
HISTORY [...OF LIFE] OF A HOLY QUEEN’**

Manuel Ferro

Univ. Coimbra, CIEC, FLUC

ORCID: 0000-0001-8095-6210

Resumo: O *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel, Rainha de Portugal* (1595), da autoria de Vasco Mouzinho de Quevedo Castelbranco, é uma epopeia composta num momento de crise nacional vivida no fim do século XVI, mormente após a derrota de Alcácer-Quibir em 1578, e a perda da independência em 1580, precisamente com o intuito de apresentar um testemunho de grandeza de sentimentos, de modelo de vida e de envergadura espiritual, a fim de despertar uma atitude construtiva e confiante ao público leitor para a superação das dificuldades ao tempo mais prementes. Para além desse fim edificante e de exaltação da figura da Rainha Santa Isabel, que não demoraria muito a ser canonizada, este poema assume assim uma dimensão patriótica, embora o autor não omita a esperança de ver com esta composição o seu estro poético reconhecido, uma vez que procura conjugar modelos épicos considerados na altura como dificilmente conciliáveis, o Camoniano e o Tassiano.

Palavras-chave: Rainha Santa Isabel – Vasco Mouzinho de Quevedo Castelbranco – Epopeia – Barroco.

Abstract: The *Discourse on the Life and Death of Saint Elisabeth, Queen of Portugal* (1595), by Vasco Mouzinho de Quevedo Castelbranco, is an epic composed in a moment of national crisis experienced at the end of the 16th century, especially after the defeat of Alcácer-Quibir in 1578, and the loss of independence in 1580, precisely with the intention of presenting a testimony of greatness of feelings, of life model and of spiritual wingspan, in order to awaken a constructive and hopeful attitude to the reading public for overcoming the most pressing difficulties. In addition to this edifying and exalting purpose of the figure of Queen Saint Elisabeth, who would not be long in being canonized, this poem thus takes on a patriotic dimension, although the author does not omit the hope of seeing with this composition his poetic estrus recognized, since it seeks to combine epic models considered at the time difficult to reconcile, the Camonian and the Tassian epic paradigms.

Keywords: Holy Queen Elisabeth – Vasco Mouzinho de Quevedo Castelbranco – Epics – Baroque.

A produção épica do Barroco português foi prolixa e variada, se bem que nem sempre tenha mantido um elevado nível de qualidade poética. Mesmo assim, tendo em conta as matérias tratadas ou porventura outros aspectos de carácter mais formal, é possível distinguir quatro grandes categorias de epopeias no período em causa: a primeira inclui poemas de inspiração patriótica, de interesse nacional; uma segunda conta com obras de importância ibérica; a terceira abrange as epopeias de índole mitológica; e a última compreende os poemas de interesse ecuménico, mais de carácter religioso, tratados de acordo com o espírito dominante da Contra-Reforma. Entre estes últimos, refiram-se *Os Novíssimos do Homem* (1623), de Francisco Child Rolim de Moura; o *Poema del Angelico Doctor Santo Tomás* (1625), de Manuel Thomaz; o *Macabeu* (1638), de Miguel da Silveira; *Virginidos* (1667), de Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos; a *Elysabetta Triumphante* (1732), de Frei

Jeronymo Vahia, entre alguns mais de menor expressão¹. E é entre os títulos acima referenciados que se pode inserir o *Discurso sobre a Vida e Morte de Santa Isabel, Rainha de Portugal*, da autoria de Vasco Mouzinho de Quevedo Castelo-Branco, de 1596, que antecipa todos os citados, precedendo, por conseguinte, até a data da canonização e toda a produção poética que tal acontecimento veio despoletar. Com a subida de Isabel de Aragão aos altares, é sobretudo no sermonário, como se compreende, que mais se projecta o impacto de tal acontecimento, não invalidando, porém, a composição de outros textos distribuídos por diferentes géneros, como odes, canções, relatos biográficos, alguns deles reunidos no volume intitulado *Santissimae Reginae Elisabethae Poeticum Certamen dedicat, & consecrat Academia Conimbricensis Ivssu illustrissimi D. Francisci de Britto de Menezes a Consilijs Catholicae Maiestatis, & eiusdem Academiae Rectoris*².

Nessa época, o principal objectivo que norteava a composição de epopeias na esteira d' *Os Lusíadas* consistia na exaltação de glórias nacionais passadas, principal suporte do orgulhoso espírito de autonomia, mesmo quando, num período de crise, Portugal se encontrava politicamente absorvido pela monarquia espanhola. Em contrapartida, a consciência de ter desenvolvido uma notável obra de evangelização nos outros continentes contribuía para essa exaltação nacionalista, que, juntamente com a descrição da geografia humana e com a narrativa dos factos históricos sobre os quais assentava a ficção poética, fazia com que o modelo camoniano continuasse a

¹ Cf. Manuel Ferro, "Épica", in José Augusto Cardoso Bernardes *et al.* (Dir.), *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa* (Lisboa: Editorial Verbo, 1995-2005), Vol. 2, 1997, 305-314.

² *Santissimae Reginae Elisabethae Poeticum Certamen dedicat, & consecrat Academia Conimbricensis Ivssu illustrissimi D. Francisci de Britto de Menezes a Consilijs Catholicae Maiestatis, & eiusdem Academiae Rectoris*. [Gravura com o brasão da Rainha Santa] Conimbricae Superiorvm permissv. Typis & Expensis Didaci Gomez de Loureyro Academiae Typographi. Anno Domini. 1626.

exercer uma profunda influência na produção do género a que o Barroco iria dar lugar. Só que essa influência não foi acriticamente aceita: em amplos debates sobre a natureza do poema épico, ao modelo camoniano contrapunha-se o tassiano, tido por certa linha da crítica como mais adequado à mundivisão da época, pela religiosidade e por uma pretensa capacidade criadora nobremente dirigida a intuítos épicos³.

Ora é precisamente neste contexto que Vasco Mouzinho de Quevedo Castelbranco, nascido em Setúbal em data incerta na segunda metade do século XVI, se formou em ambos os Direitos pela Universidade de Coimbra e exerceu a profissão de advogado durante largos anos. Do culto das Musas, dele se conhecem três poemas épicos, *Discurso sobre a Vida e morte de Santa Isabel* (1597), *Afonso Africano* (1611) e *Triumpho del monarca Philipo tercero en la felicissima entrada en Lisboa* (1619)⁴. O *Discurso* é, pois, um poema constituído por seis cantos de extensão variável em oitavas ritmadas, complementado pelas *Rimas*, em grande parte compostas em castelhano, e que compreendem 51 sonetos, uns tercetos, uma écloga, romances, glosas e emblemas. Sem que se possa classificar como uma hagiografia versificada, em que o heroísmo é de pendor espiritual e assume um carácter edificante e moral, se, por um lado, apresenta afinidades com poemas como o *Templo Militante. Flos Sanctorum y Triumphos de sus Virtudes* (1615), de Bartolomé Cayrasco de Figueroa, por outro já antecipa aspectos que Francisco Child Rolim de Moura explorará n' *Os Novíssimos do Homem* (1623) – sobremaneira nas sequências em que Vasco Mouzinho trata e reflecte sobre o céu, a morte e o sofrimento. Na dedicatória “Ao Excellentissimo Senhor Duque Dom

³ Cf. Manuel Ferro, ‘A Recepção Portuguesa de Toquato Tasso na Épica do Barroco e Neoclassicismo’ (Diss. Universidade de Coimbra, 2004), 169-269.

⁴ Sobre a sua vida e obra, veja-se José Maria da Costa e Silva, *Ensaio Biographico-Critico sobre os Melhores Poetas Portuguezes* (Lisboa: Imprensa Silvana, 1854) Tomo 8, 219-312.

Álvaro de Lencastre”⁵, além de invocar determinados tópicos de matriz horaciana, como a importância da invenção, o trabalho da lima, o valor do útil e do delectável na obra literária, sobre o qual cita explicitamente o Poeta Venusino, justifica a escolha do assunto do poema por se tratar de uma “hystoria proueytosa em si pois he a vida de hũa Santa Raynha, à quem os Principes tem obrigação de imitar, & V. Excellência principalmente pois he descendente seu”⁶. Se revela preocupação com o deleite que a composição pode proporcionar ao leitor, não menos importante parece ser a utilidade que a leitura deve providenciar, pela vertente edificante e pedagógica de que se reveste⁷. Por isso, não admira que o poema por vezes mais pareça obedecer ao cânone da hagiografia do que ao da epopeia, remetendo para tópicos e situações comuns naquele género.

É, pois, neste contexto singular que se criam as condições para que a teoria tassiana do poema heróico, em que a caracterização do herói vê particularmente acentuado o seu pendor espiritual, venha a ser tão bem recebida em Portugal. Quando rebenta a polémica entre Camonistas e Tassistas, compreende-se por que razão o Poeta

⁵ Vasco Mouzinho de Quevedo Castelbranco, *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel, Rainha de Portugal, e outras várias Rimas*, Lisboa, por Manoel de Lira, 1597 (1.ª ed.: 1595), fls. [2]-[2v].

⁶ Id., *ibid.*, fl. [2v].

⁷ Id., *ibid.*, fl. [2v]: “E tocando alguma cousa da obra, sempre tiue por acertada aquella sentença de Horatio:

Omne tulit punctu qui miscuit vtile dulci,

Porque o vtil sem mistura de doce não diz oje com a condição, & natureza dos homens, & o doce sem o proueyto so não diz com a obrigação daquelle que escreue, branduras, desmayos, y deliquios de amor, não seruem maes que de facilitar corações à semelhantes cuydados, leuandonos apos si como Sereas á miseraueês naufragios, & desenganos do mundo com reprehensão de vicios aspera, seruem de cerrar os ouvidos à todos como as surdas aspides à voz do encantador, eu para fugir estes inconuenientes escolhi esta hystoria proueytosa em si pois he a vida de hũa Santa Raynha, à quem os Principes tem obrigação de imitar, & V. Excellência principalmente pois he descendente seu, para que sendo a obra de minha parte doce satisfaça a Horatio, & ponha o risco por cima de todos, o que também me obrigou a lhe juntar essa variedade, assi porque ella soò deleyta, como porque defraudada de dous ou tres cantos que lhe cortey por causas não podia fazer por si cabeça [...].”

italiano passa a usufruir de tantos admiradores e Vasco Mouzinho pertence à plêiade daqueles autores que pretendem desde logo conciliar ambos os modelos épicos. Em termos formais, nota-se a ausência da mitologia como elemento maravilhoso. Aliás, na esteira do registo hagiográfico, compreende-se que assim seja. Nesta perspectiva, o motivo da escolha da biografia da Rainha Santa para objecto de um poema épico justifica-se, já que se trata de uma rainha de algum modo considerada ao tempo como uma grande soberana, apesar de aragonesa por nascimento, cuja acção fora reconhecida pela historiografia e pelo próprio Camões, o que, neste contexto, se impunha como um factor de algum modo determinante de credibilização para acentuar a afirmação da nacionalidade. Por outro lado, porque a sua heroicidade se adaptava aos critérios do tempo e, sobretudo, de matriz tassiana, visto que a sua vertente espiritual e humana se sobrepõe à força das armas e da violência, e o amor ao próximo a converte num vivo modelo de perdão para com as fraquezas humanas e perante os tormentos e as angústias do próximo, num testemunho pleno de *caritas* e *pietas*.

Tratando-se do primeiro poema épico do autor, é natural que indicie algumas verduras no domínio do género, ao tempo considerado o mais sublime e aquele em que o estro poético do escritor era posto à prova. A matéria épica sobre a qual incide só começa verdadeiramente num momento já relativamente avançado do Canto II, mais concretamente a partir da estância 27, considerando o poeta conveniente para o efeito reincidir numa segunda invocação à Musa, porque visa ganhar novo alento para a narração, que só então a seguir se projecta. Por outro lado, apesar de se fazer sentir o impacto do que na altura se designava pelo gosto e pelo estilo dominante da escola espanhola, isto é, um discurso de certo modo conformado pelos princípios estéticos do cultismo e do gongorismo, o certo é que se evidencia igualmente a pretensão do autor em articular diferentes aspectos na composição da obra, dali resultando

um mosaico algo forçado de componentes, que produzem não só um efeito algo surpreendente num poema heróico, como sugerem a artificialidade patente na conveniência de introduzir partes consagradas na modelação de uma epopeia, como a história prévia da nação, mas que ali aparecem inseridas de modo pouco orgânico e desconexo, tendo em conta o desenrolar da acção.

Assim, sem que o início seja o de uma proposição canónica, logo o poeta se dirige à Musa, muito embora a invocação também não siga o modelo mais tradicional. O arranque da narração verifica-se com o recurso à técnica da citação e do discurso encaixado, aspecto de que apenas nos apercebemos na estância 12:

“Assi canta a suaue Philomela
Entre os ramos da verde, & fresca planta,
E juntamente chora a forma bella,
Mudada em pennas, para pena tanta.
Assi também a que morreo com ella
Lembrada destes dannos chora, & canta,
Assi de sua morte vendo a hora,
O Cisne docemente canta, & chora.” (I,12)⁸

E a atitude assumida, ao mencionar de imediato a morte, o choro e os danos da vida, traduz uma espécie de ímpeto íncio e inadequado, solicitando o poeta, então, que o furor da inspiração em vez de lhe ser concedido, lhe seja antes refreado, porque destempera a lira, pelas tristezas que tudo e a todos acometem.

“O Furor de cantar Musa refrea
E destempera a tēperada Lyra:
Qual não sentindo a Nao soe a Serea,
Antes porque tardou chora, & suspira.

⁸ Id., *ibid.*, 2v.

Se quiseras chorar com larga vea,
Eu mesmo lamentando te siguira
Que remedio mais certo de alegrar-me
Hé nunca de tristezas apartar-me.” (I, 1)⁹

Apresentando-se como uma versão masculina da “menina e moça” bernardiniana, a voz poética é a de “um triste coração que sempre chora” (I, 2, 4), alguém a quem “só tristezas e mágoas agradarão” (I, 2, 7)¹⁰. Predomina uma atmosfera de tragédia, vivida num plano escatológico, de fim dos tempos, de afundamento da independência, colapso de reinos, perseguições e exílios, para além do luto sentido pela morte de muitos conhecidos, amigos e familiares nos campos de Alcácer-Quibir, tragédia ainda bem presente na memória, pelo que, por isso, “busquei mil vezes gostos que cantasse / com subido cothurno, & voz sonora / mas temi com razão que os estranhasse [...] (I, 2,1-3)¹¹. Como tal, a Musa a que se solicita a inspiração só pode ser lúgubre, sombria e fúnebre, “de funeral Cypreste coroada” (I, 5, 6)¹²:

“Porque não deces Nympha do alto Pindo
Pois d'elle enfim descer tanto te agrada,
Não leda como dantes nem sorrindo
Não de verde Era, nem de louro ornada.
Mas recolhido, & triste o gesto lindo
De funeral Cypreste coroada,
Vem assi, que meu bem nisso consiste
Pois o Ceo permitio, que seja triste.

⁹ Id., *ibid.*, 1.

¹⁰ Id., *ibid.*, 1.

¹¹ Id., *ibid.*, 1.

¹² Id., *ibid.*, 1v.

Não ves de nossos tempos as mudanças,
Transformações de Reynos, & de gentes,
Mortes, desterros de huns, d'outros bonanças
Mil confusões de tristes, & contentes.
Corte de bem tessidas esperanças,
Tela perfeita d'outras diferentes
Casos de eterno, & de imortal espanto,
E dignos de imortal, & eterno pranto?" (I, 5-6)¹³

O único paliativo e conforto impõe-se com a composição de um poema que sufragasse a memória de um exemplo edificante, reavivando simultaneamente também tempos passados de algum modo significativos para o reino¹⁴. Assim, se o canto épico se justifica, não admira que surja contaminado de pranto, tendo também em consideração os tempos que então se atravessavam.

“Quanto mais que eu queria desta sorte
Co estas palavras do intimo saídas
Animarte à vingares tanta morte
Inda que fosse a troco de outras vidas
Que então passando pello mesmo corte
Alegres ficarão de as ter perdidas
As almas que em tão justa, & santa guerra
Voarem para o Cèo, deixando a terra.

Por ti Musa, por ti já não publico
Esta tão triste & lastimosa historia,
Inda que de pesares ande rico
De prazeres farei larga memória.

¹³ Id., *ibid.*, 1v-2.

¹⁴ Cf. *id.*, *ibid.*, 3: “Pois tudo quanto vejo são tormentos, / Vós Isabel sereis o meu cuidado.” (I, 13, 3-4).

Mas pois de teu furor forçado fico
Para que ambos tenhamos nossa gloria
Canta, & chora comigo juntamente
Que pois to peço eu sei que se consente.” (I, 10-11)¹⁵

Não de modo muito diferente do que acontece com outros modelos narrativos, que se haviam entretanto divulgado entre nós, como o *Decameron*, de Giovanni Boccaccio, antes dos relatos deleitosos, procede-se a uma detalhada e pungente apresentação dos males que afligem o homem e a sociedade do momento, justificando-se desse modo que depois se procure o legítimo lenitivo¹⁶. Neste caso concreto, mais de acordo com a mundivisão da espiritualidade tridentina e com o sentido generalizado de catástrofe, o alento não poderia ser outro. Assim, só depois de todas estas considerações, a proposição épica é avançada, na estância 14, num artifício puramente barroco de inverter a ordem das partes canônicas da epopeia:

“A vida de Isabel, & a morte canto,
Entre nos morta, em Aragão nascida,
Vida & morte de todo o mundo espanto,
De cuja gloria certa não duuida.

¹⁵ Id., *ibid.*, 2v.

¹⁶ Sobre o processo de divulgação, leitura crítica e imitação da obra de Giovanni Boccaccio em Portugal, vejam-se, de nossa lavra, o verbete “Boccaccio, Giovanni (Recepção em Portugal)”, in: José Augusto Cardoso Bernardes *et al.* (Dir.), *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa* (Lisboa: Editorial Verbo, 1995-2005), Vol. 1, 1995, 696-702, bem como o ensaio dedicado à obra de Gonçalo Fernandes Tancoso, *Histórias de proveito e exemplo*, de 1569, intitulado “Aspectos da recepção do *Decameron* nos *Contos e Histórias* de Trancoso”, *Estudos Italianos em Portugal* 51 / 52 / 53 (1988-89-90), 179-206.

Morre alegre quem passa a vida em pranto,
E a quem a vida he morte, a morte he vida
Qual na vela se veê, que estando ardendo
Quando à matais a vida tem morrendo.” (I, 14)¹⁷

E a narração começa com o esboço da história pátria até ao reinado de D. Dinis, detendo-se o poeta de modo especial na figura do rei fundador, para a época do poeta de redobrado interesse simbólico.

“D’Afonso Rey primeiro discorrendo
(Quem nos louvores seus ficar pudera)
Pouco nos outros Reys me irei detendo,
Tê chegar à Dinis que já me espera.
Dahi a insigne tela irei tecendo
Com quem não poderá Lachesis fera
Que inda que impedir possa a humana vida,
Não tem poder para que a fama impida.” (I, 16)¹⁸

Recorre-se, então, para a reconstituição do trajecto do reino ao longo dos tempos, à alegoria do “ilustre rio”, cujo percurso simbolicamente se enriquece com a exploração de outros elementos de teor emblemático, como a garça, o menino fraco e rude, o lince ou a águia, de modo artificioso, assim modelando a narrativa dos tempos do passado, ou aludindo de modo mais explícito a acontecimentos gloriosos mais próximos dos tempos do poeta, como as viagens até ao Oriente e os contactos com regiões exóticas como as da Pérsia e as do Indo e do Ganges.

¹⁷ Vasco Mouzinho de Quevedo Castelbranco, *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel, Rainha de Portugal, e outras várias Rimas*, loc. cit., 3.

¹⁸ Id., *ibid.*, 3v.

“Depois que vio o leito onde repousa
Fugindo a noyte o lucido Planeta,
Como não sofra aver no mundo cousa
Que não entre, não rompa, & acometa.
Aos thalamos d’Aurora passar ousa
A todos parte incógnita, & secreta,
Que tanto he mor a gloria que se ganha
Quanto he a causa della mais estranha.

E contra a natureza d’outros rios
Que como entrão no mar desaparesem,
Passou do Indo, & Roxo os senhorios
Entre os quaes suas agoas se conhecem.
A nobre Chersonesso cujos fios
D’ouro mais que os de Persia resplandecem
Por fama de seus ricos campos chega
E com alta corrente em torno a rega.

Pasmou o Ganges vendo tanta gloria,
Tornando para tras te sua fonte
E a verde coroa por memoria,
Tirou da triste, & carregada fronte.
Este desque ganhou tanta victoria
Para que seu descanso também conte
Fim de todos os rios verdadeiro
Tornou agora à seu berço primeiro.

Este rio famoso em que me fundo
Que saio das entranhas do mar alto
E que oje torna ao mar rodeando o mundo,
Como se inda esteuera d’agoas falto.

He nosso Portugal, & o mar profundo
Castella foy, que com ligeyro salto
Deyxou como cabeça dominando
Agora me ouuireis à como, & quando.” (I, 31-34)¹⁹

Só depois da exposição simbólica da história do Reino se procede a uma apresentação dos factos, mas mesmo assim refutando o discurso tradicional da historiografia do tempo e questionando o papel dos heróis gregos e troianos nas origens de Portugal.

“Huns dizem que Troyanos perseguidos
Nestes portos as rotas Naos anchôrão,
Outros dizem, que Gregos à tornada
Interdictos aqui da pátria amada.

Eu digo que nem Gregos nem Troyanos,
Antes muyto mais alto a risca lanso:
Porque estes padecerã muytos danos
Ardendo em fogo todo seu descanso.
Aquelloutros puseram tantos anos
Em os vencer, que de contallos canso,
Mas Portugal não poem em vencer tanto
Nem foy vencido, que he maior espanto.” (I, 39-40)²⁰

Depois de Viriato, o fio dos acontecimentos começa verdadeiramente com a chegada do Conde D. Henrique, “fundamento primeiro de alta torre / de um rio perenal primeira fonte” (I, 37, 1-2)²¹, o casamento com D. Teresa e o nascimento do jovem príncipe,

¹⁹ Id., *ibid.*, 6-6v.

²⁰ Id., *ibid.*, 7v.

²¹ Id., *ibid.*, 7.

que depois dá azo ao episódio do milagre de Nossa Senhora de Cárquere e permite a inclusão no discurso épico de um belíssimo Hino Mariano, porventura o momento lírico mais intenso do Canto I, da estância 52 à 64²², e que se conclui com o veemente pedido

“[...] de conservardes
Portugal, que por vós o nome goza
Pois logo no principio restaurastes,
Hum bem que só por isso lhe quebrastes.” (I, 64, 5-8)²³

E se o começo de tudo teve lugar com um milagre, a esperança acaba por melhor acalentar todos quantos se vêem a navegar nos mares borrascosos daquela época. Os reinados de D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II e D. Afonso III são rápida e brevemente esboçados, reservando-se para último a referência ao de D. Dinis, que aqui é apenas introduzido através de uma sugestiva imagem simbólica, de um altivo monte, qual novo Olimpo, que prepondera sobre todos os outros de modo majestoso, como Júpiter e Atlante igualmente o podem fazer por afinidades óbvias.

“Mas que monte he aquelle tão possante,
Que por cima de todos arrebenta,
He Olympo onde Ioue fulminante
Não chega, onde não choue, onde não vêta,
He porventura o celebrado Atlante
Que nos hombros o Ceo firme sustenta
Assoma o Pyreneò, ou o de Roma?
Monte assoma, mas he Dinis que assoma.” (I, 82)²⁴

²² Id., *ibid.*, 9v-11v.

²³ Id., *ibid.*, 11v.

²⁴ Id., *ibid.*, 14v.

O relato histórico que incide sobre o reinado de D. Dinis, agora tratado com mais detalhe, alarga-se pelo Canto II, que é iniciado por três estâncias que tratam da perfeição, tanto do universo, reflexo da criação divina, como no plano da natureza, e ainda também noutras dimensões, como apontando para o funcionamento do corpo humano. E D. Dinis prima por todos os dotes e gentileza, bafejado pelos deuses e pelas musas.

“Todo o Planeta para aquella parte
Onde nasce Dinis o curso moue,
Dalhe esforço, & valor o brauo Marte,
Dalhe o Ceptro real ò summo Ioue.
Mercurio lhe infunde engenho, & arte,
Brandura, graça, amor, Venus lhe chove,
Nem estes dotes lhe fugitã logo,
Como à Mulher do roubador de fogo.” (II, 6)²⁵

Extremoso governante, zela pela segurança do Reino, construindo muralhas em diferentes cidades, como Guimarães, Setúbal, entre outras; é parcimonioso, a tocar as raias da avareza, na economia do reino; assume-se como justiceiro e bom administrador da lei; culto, venera as musas e goza de uma admiração incondicional, não só entre o público feminino da corte, como fora dela. Para rematar esse quadro de perfeição, só lhe poderia faltar mesmo uma esposa à sua altura:

“E para que já tudo enfim lhe caya
A midida, & ao corte de dezejo
Que o bem dificultoso antes que saya
Se hua ves começou perder o pejo.

²⁵ Id., *ibid.*, 16.

Menos ufano pelo campo espraya
A dourada corrente o rio Tejo,
Isabel por consorte se lhe entrega
Que a mais chegar não pode o que aqui chega.” (II, 25)²⁶

Só neste momento a diegese épica tem verdadeiramente início. Como antes referi, uma segunda invocação tem lugar, mas como o modelo tassiano se impunha, justapõe-se-lhe uma outra dirigida à própria Rainha Santa, para que ela o favoreça na empresa a que o poeta se propõe, já que se crê veementemente que a musa pagã não passa de artifício poético.

“Pedir outro favor mais alto devo
Para poder subir a tanta altura
Doutra sorte por mais, & mais que cante
Afracará co’ peso o alto Atlante.

Fique Parnaso atras, que em vão se cansa,
Quem espera por sua companhia,
Vós, Isabel guiai minha esperança
Onde eu a ele, & ela a mi me guia.
Não encontrareis a certa Confiança
Que neste coração de vós se cria
Dai-me como Ariadna o certo fio
Neste árduo Labirinto, & tão sombrio.” (II, 27-28)²⁷

O relato do noivado é introduzido pelo maravilhoso que a estratégia do sonho proporciona. À semelhança de D. Manuel, n’Os *Lusíadas*, D. Dinis vê-lhe aparecer durante o sono o cavalo Pégaso

²⁶ Id., *ibid.*, 19.

²⁷ Id., *ibid.*, 19v.

montado por uma “Giganta”, a Fama, de mil olhos e outras tantas línguas, que lhe mostra um retrato da Infanta de Aragão:

“Traz hum retrato, & única pintura
Na direita onde Apeles se perdera
E como com a vista fera, & dura
Medusa em dura pedra o convertera.
Assi esta com sua fermosura
O converte de dura em branda cera
Que o mais feroz, & áspero sujeito
Sujeita a hum lindo rosto o bravo peito.

Vão-se-lhe os olhos trás cousa tão bela,
E trás os olhos alma leda, & triste
Quanto mais olha tanto mais por ela
Se perde, & tanto menos lhe resiste.” (II, 34-35)²⁸

A paixão domina-o e o processo de enamoramento é traduzido em termos fenomenológicos, da dantesca memória e como os poetas do *dolce stil novo* sugerem, através dos quais os olhos e o olhar desempenham um papel fundamental.

“Sempre cry desarmar o sonho em vão
E pella maior parte ser mentira
Mas não sei que sentio meu coração
Que por elle [o sonho] em vão chora, em vão suspira
Foyse o sonho, ficoume esta paixão
Que o coração de seu lugar me tira,
Em que lugar hum pode estar contente
Que o coração em seu lugar não sente.

²⁸ Id., *ibid.*, 20v.

Os olhos são as portas porque passa
O brando amor, & se recolhe nalma
Eu cos olhos sem lux, & a vista escassa
Dey de meu coração à Amor a palma.
Vem a calma co Sol que arde, & trespassa
Eu sem ver Sol estou ardendo em calma
Da nuue rota o rayo o monte araza.
Sem nuue sem trouão elle me abraza.” (II,40-41)²⁹

Determinado, Dinis logo envia três embaixadores à corte de Aragão a pedir Isabel em casamento. A resposta do rei, D. Pedro de Saragoça, construída, primeiro, com a inserção de uma parábola, mostra a dificuldade da separação, mas ao mesmo tempo a compreensão e o altruísmo do monarca em deixar a vida correr, sem sacrificar a filha em favor da felicidade própria. Então, de modo directo, começa-se a esboçar o perfil psicológico de Isabel, apontando-se-lhe a gentileza, bem como o carácter pacífico e tranquilizador que incute nas relações humanas e, de modo especial, nas familiares:

“Não poderei passar o mar seguro
Sem ela se passallo tento, & quero
Com ela a todo risco me auenturo
E com ela bonança em tudo espero.
Ela tenho por torre, & forte muro
Contra todo combate bravo, & fero
Sem nao nem passa o mar nem tomo porto
E sem muro seres catiuo ou morto.” (II, 46)³⁰

²⁹ Id., *ibid.*, 21v.

³⁰ Id., *ibid.*, 22v.

Assim alcançado o beneplácito do pai, a atenção desloca-se para a figura da protagonista, centrada num ambiente bucólico, cujo modelo, mais do que o do *locus amœnus*, se associa ao espaço da tradição hagiográfica medieval, do *hortus conclusus*, em que a Virgem aparecida inserida, isolada do mundo do pecado. Segue aí Isabel uma vida contemplativa, numa atmosfera por demais paradisíaca, que não desmerece da comparação com os vergéis de Alcínoo ou com os jardins de amor da tradição clássica, juncados de flores de significado metafórico que remetem para o plano de vivências amorosas (como Jacinto, Narciso e Amarantho), associados sugestivamente às figuras de Marte e Vênus.

“Tinha Isabel hum jardim fresco, & lindo,
Alliuio certo de qualquer tristeza,
Onde Flora se estaua sempre rindo
Com bella face, & com gentil beza.
Suas flores, & graça perfirindo
As do jardim que Alcinoo tanto preza,
E às donde leou as maçãs d’ouro
Para louuor alheyo o sabio Mouro.

Aqui o bello filho de Cephiso
Em flor mudado junto d’ágoa crece,
Sem perder inda o nome de Narciso
Que Narciso nas cores bem parece,
Aquy Hyacintho, que seu doce riso
Quis nas folhas em lagrimas se lesse
Aqui o imortal verde Amarantho
E Adonis de Venus triste pranto.” (III, 3-4)³¹

³¹ Id., *ibid.*, 24.

A par da anunciação do anjo em relatos marianos, tem aqui lugar o anúncio do noivado. Múltiplas são as imagens e os símbolos recrutados para exprimir o estado de espírito de Isabel e as perplexidades do pai, em que o referente é sempre uma natureza em plenitude, seja do plano celeste e do mundo vegetal ou animal, seja no que se refere à passagem dos meses, anos e estações. Enformam eles os “santos conceitos” (III, 18, 1)³² que a ocupam, quando o pai a põe a par dos planos de casamento e enaltece a aliança favorável para ambos os Estados que dali adviria, bem como a nobreza de alma do povo português e do Reino, em geral:

“He Rey de Portugal reino sublime
Em nobreza, & valor de gente altuia
A quem he justo, que Aragão se arrime
Para que mais soberbo, & ufano viuua.” (III, 22, 1-4)³³

O percurso da noiva adivinha-se através do paralelo bíblico estabelecido com o do êxodo, muito embora se revele favorecida pela divindade, de modo a mostrar como Isabel é, na realidade, o móbil da transformação do ambiente que a cerca, deixando o pai na desordem e desconchego da dor, causado pela saudade e pela ausência.

“Pello deserto a gente caminhaua
Que inda ouue o son da grauida cadea
E como muytas vezes lhe faltaua
A doce fonte da argentada área,

³² Id., *ibid.*, 26v.

³³ Id., *ibid.*, 27.

A vara de Moyses logo mudaua
A natureza da salgada vea,
Vós sois como esta vara filha minha,
Não tinha pezar, não, quando vos tinha.

E laà noutro mais hórrido deserto
Aonde água he peor que a mesma sede
Os animais esperã de conserto
Se outro cuidado o vnicorne impede.
E tocando co corno o lago he certo
Que peçonha se vae, & se despede
Vós sois este Vnicorne filha minha
Não tinha males, não, quando vos tinha.

Midas que de juízo falto, & pobre
Negou a glória ao amador louro
Quanto co a mão tocoua em metal nobre
Convertia, faminto de Thesouro.
Tocaua o cobre vil, era ouro o cobre,
Tocaua o baixo ferro, o ferro era ouro,
Vos eres este Midas filha minha
Não tinha falta, não, quando vos tinha.” (III, 32-33)³⁴

Associada à vara de Moisés, à simbólica figura do unicórnio, imagem de pureza e fidelidade amorosa, ou à fabulosa actuação do rei Midas, Isabel influencia favoravelmente o ambiente por que evolui. Enquanto imagem acabada de noiva, por sua vez, sempre idealizada, aproxima-se à de uma rosa no meio de um jardim florido e perfumado que anseia simplesmente por fazer parte de uma grinalda de himeneu.

³⁴ Id., *ibid.*, 28v-29.

“Qual no fresco jardim purpúrea rosa
Em todo o tempo tão fermosa, & bella
Que a dezeja trazer qualquer fermosa
Como rica grinalda na capella.
E a primeira flor que a linda esposa
Para Zéphiro colhe há de ser ella
Mas com a rosciada matutina
Mais bella, como toda outra bonina.” (III, 43)³⁵

E depois do episódio da despedida do pai, da corte e da pátria, tem então lugar a longa viagem, que desperta a curiosidade dos povos que atravessa. A paisagem de montes e vales, rios e pontes, campos de cultura e desertos, tudo parece sofrer uma verdadeira transfiguração poética, ao prestar o devido preito a uma princesa. Até as feras das serranias a vêm saudar mansamente, animadas pela curiosidade de a verem passar; as gentes multiplicam-se ao longo dos caminhos; o pastor interrompe o seu trabalho, mas mesmo assim os animais engordam; o agricultor pára com os afazeres, mas os campos aparecem prodigiosamente cultivados.

“Ella com não menor pena, & desgosto
Pagando vae aquelle sentimento
Ainda que adiante leua o rosto
Contudo atrás lhe fica o pensamento.
No Pay, na doce pátria o deixa posto
Que em ausências não ouve peito isento,
E mil vezes atrás os olhos vira
E com sobeja mágoa se retira.

³⁵ Id., *ibid.*, 28v.

Por onde vai de graças mil semeia
E de mil glórias novas orna a terra
De verde esmalte veste a triste área
E os duros abrolhos lhe desterra.
Mais pura vai da clara fonte a veia
E mais ufana se levanta a serra.
Aqui para caminho se abre o monte
Aqui se passa o rio a vau sem ponte.

Os animais das ásperas montanhas
Nos altos precipícios aparecem
E perdidos por ver cousas tamanhas
Para as estradas e caminhos descem.
Mostra o bravo Leão brandas entranhas
E os tigres de seu furor se esquecem,
O cervo atento os olhos nunca tira
Como se na espessura a fruta ouvira.

A cada passo nasce nova gente
Que os ditosos caminhos cobre, & cega.
Como se Cadmo andara dente, & dente
Semeando os Irmãos que ao ferro entrega.
O lavrador da mão larga a semente
E o pastor ao gado o pasto nega,
Acha o pastor depois medrado o gado
O lavrador o campo semeado.” (III, 46-49)³⁶

Até que chega a terras de Portugal. E o noivo vem ao seu encontro em Trancoso, onde o tempo comungava da mesma alegria e o ambiente festivo tudo contagiava.

³⁶ Id., *ibid.*, 31-31v.

“Dourava o Sol os campos de Trancoso
Onde Dinis àquella tempo estava
Quãdo outro Sol mais bello, & mais fermoso
Chũa nova manhaà por elle entrava.
Não canto o aparato sumptuoso
Do povo que de longe a esperava
Nem a glória também do novo amante
A qual me não convém que agora cante.” (III, 51)³⁷

A partir deste momento assistimos a uma aplanar da acção. Se eventualmente chegou a verificar-se um corte no número de cantos previamente existentes que integravam o poema, como o autor sugere na dedicatória³⁸, certamente estariam inseridos entre o fim do Canto III e o início do Canto seguinte. Não é tanto uma linha de acontecimentos que a partir do Canto IV se apresenta, mas antes os aspectos que mais contribuíram para a beatificação e canonização da Rainha Santa. Desde a pacificação que o seu nascimento trouxe, à sua precoce inclinação para actos de devoção,

“Tal foi seu celebrado nascimento
Tal quietação trouxe, & tal bonança
Como quando bramando mar, & o vento
Que de montes em vales a Nao lança.
Se o Santo lume fez no masto assento,
Na viagem confirma a segurança
E os caídos ânímos levanta
Que doutra parte o vêto, & o mar quebrãta.

³⁷ Id., *ibid.*, 32.

³⁸ Vide *supra*, nota 7.

Logo desde minina n'alta torre
D'alma se fecha a todo encontro grave
Dali co pensamento os ares corre
E vai dela entregar a Cristo a chave.
Por seu amor o quer, por ele morre,
Ou o trate com mimos, ou a agrave,
Que o verdadeiro amor em nobres peitos
Não arde mais ou menos por respeitos.” (IV, 7-8)³⁹

da entrega a Cristo, o que a fortalece espiritualmente, e da renúncia aos vícios, à prática dos sacrifícios,

“E como na primeira, & tenra idade
Atada à cruz de Cristo, & suas penas
Logo fugiu da vã suavidade
Dos vícios como Ulisses da Sereias
Afeiçoa co' os anos a vontade
E por doces as julga, & por pequenas,
Avante sempre que não andou nada
Quem avante não foi nesta jornada.” (IV, 11)⁴⁰

de uma virtuosa conduta desde a juventude, ao despontar da piedade e da caridade,

“Não envolve nas águas cristalinas
O celebrado Ganges co'as areias
Tão preciosas pedras, & tão finas
De graças mil & resplandores cheias,

³⁹ Vasco Mouzinho de Quevedo Castelbranco, *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel, Rainha de Portugal, e outras várias Rimas*, loc. cit., 33v.

⁴⁰ Id., *ibid.*, 34.

Como de mil virtudes pirigrinas
Em Isabel rebentão novas veias,
E mais bela co'a luz que sempre cresce
A caridade entre elas resplandece.” (IV, 13)⁴¹

até uma vivência mística mais próxima da realidade barroca do que propriamente da medieval, que, por sinal, é expressa através de uma linguagem de pendor neoplatônico – em que não é absurda a identificação de sintagmas camonianos que se encontram nos sonetos incluídos no ciclo vulgarmente considerado dedicado a Dinamene –, tudo sumariado aponta para os traços que conferem a esta heroína do amor, da paz e da piedade a dignidade de ascender aos altares e ser merecedora do culto que lhe passa a ser tributado:

“Mas seta de um suspiro tenro, & brando
E de hũa saudade da outra vida
E de um queixume desta, que chorando
Se passa, de mil águas combatida.
Às vezes no secreto d'alma estando
Só com seu Cristo morto recolhida
Os olhos n'Ele se o chorar a deixa
A Ele só, com Ele assi se queixa:

«Quem me tem doce amor tão apartada
De vós cá nesta vida em larga ausência
Ai, quem pudera ver-se libertada
Deste cárcere cruel, & sem clemência.

⁴¹ Id., *ibid.*, 34v.

Não vedes que quem é de amor chagada
Estando ausente perde a paciência
Se me quereis provar de invenção nova
Ah! Não façais em mi tão dura prova.» (IV, 16-17)⁴²

Esta vivência mística acentua-se com a adoração de Cristo morto e da paixão do Senhor. O uso do vocabulário imanente ao campo semântico do fogo para exprimir a intensidade sentida do amor que Lhe dedica e a veneração ao divino, as insistentes repetições, a reiterada aplicação dos possessivos e a exploração dos diferentes cambiantes semânticos dos termos usados, tudo isso produz um hábil jogo de palavras e de mestria conceptual adequado ao gosto poético da época, em que até os paradoxos de índole petrarquista, expressos através de conseguidas e elegantes antíteses, se adequam agora à exaltação do divino.

«Mas ai que digo, fostes meu, vivendo,
Na vida o vosso amor a mi vos deu.
E como em vivo fogo todo ardendo
Queria a morte que não fosseis meu.
Morreis por mim, por serdes meu morrendo,
Ai de quem não é vosso, & ficou seu,
Meu no meio do mar, & meu no porto
Vivo fostes bem meu, sois meu bem morto.

Arsa meu coração em vosso amor
Que mais arder que nunca agora deve
Mas faz que perca o fogo seu vigor
A neve fria, ele é de fria neve.

⁴² Id., *ibid.*, 35.

E mais é coração de pecador
Que cheio de peçonha sempre esteve
E coração que teve este mal triste
A todo o fogo dizem que resiste.» (IV, 24-25)⁴³

Intensifica-se ainda mais essa experiência com os êxtases e a confabulação com as almas eleitas, num total desprendimento do terreno. Alternam, porém, tais vivências com momentos de alta consternação experienciados quando contempla a paixão de Cristo. Assim, assumem tais episódios a representação extremada da exaltação da religiosidade barroca, que apenas encontra paralelo nas vivências místicas de Santa Teresa de Ávila.

“Aqui se cala, & fica contemplando
Com o ver morto está também morrendo
Ela rios de lágrimas chorando
Ele rios de sangue está vertendo.
Não fala, porque o sangue está falando
Quanto pudera estar-lhe respondendo,
Nem ela que se em lágrimas se emprega
Lágrimas dizem quanto a dor lhe nega.

Nestas contemplações passava as horas
Que por ligeiras, & apressadas tinha
Nem com mil ocasiões perturbadoras
De marido, & de casa se entretinha.

⁴³ Id., *ibid.*, 36v.

Contra humanas paixões salteadoras
Da quietação d'alma se sustinha
E com ela no Céu com Deus tratava
Inda que ca na terra o corpo estava.” (IV, 27-28)⁴⁴

Mas Santa Isabel não se detém só em experiências religiosas de índole exclusivamente ascética. A prática da caridade expõe-a ao contacto directo com a miséria dos deserdados da fortuna, com o sofrimento do próximo e com a morte.

“O mais do tempo que lhe fica, & resta
Se tempo, que também se emprega, fica,
Não o consume em deleitosa sesta
Nem em prazeres que por vãos publica.
Não entra tão contente por floresta
De flores, & boninas várias rica
Como entra em hospitais de dores cheios,
Por meio de suspiros, sem receios.” (IV, 32)⁴⁵

À experiência da morte é então dedicada uma quantidade alargada de estâncias, que é entrecortada por um discurso de lamento, dor e lágrimas, em que a protecção da Virgem uma vez mais é invocada, mas onde se detecta em simultâneo o prazer mórbido do poeta na reconstituição lírica de cenas e episódios que se associam estreitamente ao tratamento das chagas dos sofredores. Este quadro remete para a identificação das mesmas com as de Cristo moribundo, numa relação especular entre as do Salvador e as do próximo, que Santa Isabel agora socorre.

⁴⁴ Id., *ibid.*, 37.

⁴⁵ Id., *ibid.*, 37v.

“Chagas que me fazeis rica lembrança
Das belas chagas de meu doce amado
Donde me nasce certa confiança
De se curar meu coração chagado.
Prezai a grande glória que se alcança
Nesse pouco que tentes lastimado
Pois um pouco tormento, & dor pequena
Contentamento eterno nos ordena.” (IV, 48)⁴⁶

Noutras alturas, valoriza-se a entrega ao sofrimento alheio para alívio do padecimento do outro, com a firme convicção de que maior é a manifestação do amor divino naquele que mais castigado é neste mundo, alcançando desse modo em plenitude a glória do Além.

“Aquele que Deus ama, esse castiga,
E com maior amor então se acende
Ou porque vê que desta sorte obriga
Que torne sobre si, & a vida emende.
Ou c’uma leve dor, & vã fadiga
Isentá-lo de mil dores pretende
Que ele nos tem deixado por memórias
Nem dous infernos dar, nem duas glórias.” (IV, 50)⁴⁷

O Canto V é dedicado às provações bem mais terrenas que a Santa Rainha teve de enfrentar. A começar pelas frequentes aventuras amorosas do marido, a infidelidade conjugal amiúde detectada, mas que ela enfrenta com a bonomia própria de uma paciente esposa.

⁴⁶ Id., *ibid.*, 40v.

⁴⁷ Id., *ibid.*, 40v.

“Ainda que no cume do mais alto
Estivesse Isabel posta, & sentada
Também lá do desgosto, & sobressalto
Que leves penas tem, foi perturbada.
Não há lugar no mundo onde assalto
Não dê o pesar, & tenha nele entrada,
Que um só Olimpo se acha onde nã chegão
Ventos, nem nuues, tudo mais carregão.

Cem mil desgostos, & descontos teve
Com Dinis, que lhe rompe a fé devida
Que em passatempos de mancebo leve
Que não convém a um Rei, emprega a vida.
Um doce, amargo fugitivo, & breve
De fermosas Syrenas o convida
E da própria consorte assi se esquece
Que já quasi a desama, & aborrece.” (V, 3-4)⁴⁸

Essa provação agudiza-se com o aparecimento de bastardos, que ela cria tolerante juntamente com os filhos havidos do seu casamento.

“Como seus filhos próprios lhe criava
Filhos alheios, que ele lhe devia
E com tanta brandura lhos tratava
Que ele se envergonhava, & confundia.
Com isto dentro em si de modo entrava
Que deu de mão a quanto antes seguia,
Que um exemplo como este pode tanto
Que faz num coração rebelde espanto.” (V, 6)

⁴⁸ Id., *ibid.*, 43.

Depois, seguem-se as desconfianças e suspeitas do ciumento Dinis, ou a suspeição quanto à dissipação do seu erário, que abre espaço ao relato do milagre das rosas.

“O seu tesouro tem por mais seguro
Isabel, onde vive com a memória
Que lhe serve de firme, & forte muro
Para alcançar nos Ceos doce victoria,
Dá na terra com zello santo, & puro
Tesouros, que depois acha na glória,
Assi na terra alcança o corpo a palma,
Que nos Céus alcançou a ditosa alma.

Da mão esquerda, a mão dereyta encobres
Que tão honesto, & tão santo exercício
A Deus só que te cobre, lho descobres
Tornando seu officio, por officio.
Entregas o que tens na mão dos pobres
Que te fazem no Céu rico edificio,
Aonde viverás leda, & contente
Sem pesares, & nojo eternamente.

E porque a caridade está conjunta
Com outra que nos Céus lhe corresponde
Há dia quando mais dinheiro ajunta
Que n'aba leva, & do marido esconde.
Encontra el Rey com ella, & lhe pergunta
“Rainha, que levais?” e ella responde
Com as faces coradas, & fermosas
“Para fazer grinaldas, levo rosas”.

Bem dizes, Isabel, co as rosas bellas
Que levas encobertas nessas fraldas
Te estão Anjos tecendo outras capellas
De pérolas, rubis, & de esmeraldas.
Mas que digo de pedras? Pois de estrellas
De suma glória são essas grinaldas
Que te tecem nos Ceos os Anjos bellos
Para porê sobre esses teus cabellos.

Com a vista de el Rey se sobressalta
Mas tendo em Deos a confiança posta
Que nunca a quem o segue em nada falta
Deu por ele guiada esta resposta.
De cor de rosas a cor própria esmalta
Donde na prata foy a cor tresposta
Com a boca mudou a prata em rosas
Outras deixando nela mais fermosas.” (V, 10-14)⁴⁹

A restante parte do Canto trata das dissensões entre D. Dinis e o filho, futuro Afonso IV, cuja conciliação é outra tarefa que só a ela se deve. É este o episódio mais longo do poema e abre-se com um breve apontamento do assunto tratado, a fim de provocar a reflexão sobre a obediência e desobediência dos filhos para com os pais, a ambição e desejo de poder.

“Quantas vezes ardendo fogo vivo
De cobiça no filho inobediente
Que com animo fero mais que altivo
Reinar o Pai não sofre nem consente.

⁴⁹ Id., *ibid.*, 44-44v.

Indo lavrando mal tão excessivo
Quando remédio já nenhum se sente
Isabel compõem tudo, & tudo assenta
E mete paz em guerra tão isenta.” (V,16)⁵⁰

Mas, depois, deambulando por matéria mitológica, a fim de dar ao assunto um revestimento mais elaborado, recupera-se a figura de Tisífone, que instiga o jovem príncipe a pegar em armas e a enfrentar o pai.

“Eis logo um furioso movimento
Entra, o peito de Afonso perturbando,
Trás dele a triste enveja em seguimento
Em seguimento dela, o amor de mando.
Amor de mando de lei toda isento
E que direito quebra como, & quando
Julga melhor cortando como injusto
Por firmes alianças de amor justo.” (V, 24)⁵¹

Recorrendo igualmente a casos paralelos de índole bíblica, a situação é assim encarecida e o relato mostra como a intervenção da Rainha Santa acaba por ter lugar no momento decisivo.

“[...] Mas rota já de todo a lealdade
A vergonha de todo já defunta
Em tanto aperto põem o Reino triste
Que já seu bem no maior mal consiste.[...]”

⁵⁰ Id., *ibid.*, 45.

⁵¹ Id., *ibid.*, 46v.

Estão os esquadrões de frente, a frente
E longe cada qual o temor bota
E já se vê pelo ar de outro Horizonte
De Abutres feros sanguinosa frota.
Que ora assombrando o vale, agora o monte
Espera pela mísera, & triste rota
Sente Isabel, & quam depressa pode
A tamanho desastre logo acode.

Chegando ao duro campo que coberto
De armada gente estava em próprio dano
Não crendo tanto o mal que viu de perto
Caíu no verdadeiro desengano.
Estende por aquele desconcerto
Os olhos tristes, & do peito humano
Estas palavras lastimosas solta,
Com voz em brandas lágrimas envolta.” (V, 26, 5-8 e 28-29)⁵²

O discurso dela então introduzido é uma brilhante peça de oratória. Aí não só são chamados à razão pai e filho,

“Que farás, triste filho, se te achares
Co Pai diante do sanguino braço,
E tu Pai, se co filho te encontrares
Que farás nesse lastimoso passo?” (V, 32, 1-4)⁵³

como é feito um apelo generalizado a todos os intervenientes, à terra portuguesa em geral, para que se envergonhe de opor “Quinas

⁵² Id., *ibid.*, 46v-47.

⁵³ Id., *ibid.*, 47v.

de Portugal a outras Quinas” (V, 31, 3)⁵⁴, sugerindo que se deixe antes seduzir por uma imagem idílica de paz e felicidade que o Céu favorece e que o pode tornar em modelo de beleza, abundância e riqueza.

“Pois de que graças, de que glórias nobres
De que lindos esmaltes de que cores
Que comparados são baixos, & pobres
Os arreios gentis dos Reis maiores.
De que riquezas mil te ornas, & cobres
Para prazeres de uns, & de outros dores
Quão segura que estás em próprio assento
Andando sempre os Ceos em movimento.

De verde esmalte, & naturais boninas
Vestida no verão nos appareces
Em mil rios, & fontes cristalinas
Toda te vás, & toda te desfaleces.
De mil prezadas, & preciosas minas
De ouro, & de prata te enriqueces
De mil suaves frutas pomos bellos
Que a vê-los folga o gosto, & os olhos vê-los.

Quão fermosa, & agradável que appareces
Quando o Sol na manhã com a luz te doura
Mostrando ao lavrador as louras messes
Soberbo dom, de Ceres branca, & loura.

⁵⁴ Id., *ibid.*, 47v.

Por seu trabalho o dobro lhe offereces
Muito pouco te deu, muito athesoura
E porque a gratidão que tem lhe creas
A seus bois faz capelas das paveas.

E para que com tudo satisfaças
E até nas silvas prestes, & montanhas
Quantos animais crias, quantas caças
De vários gostos de feições estranhas.
Para que a fortes exercícios faças
Leões, & Tigres, d'ásperas montanhas
E para que também aos mais agradeas
De prato, & mesa tantas variedades.” (V, 37-40)⁵⁵

E conclui-se este episódio com a miragem da idade do ouro como época de felicidade, isenta dos motivos que causam as guerras: a cobiça, a brutalidade e a infâmia.

“[...] Que pesada lembrança, & quão amarga
D'aquela idade em que as comuns riquezas
Partiam entre todos igualdade
Bem governada, & malograda idade.

Não foi a culpa tua santa guerra
Que tudo produzistes sem tributo
Mas uma vã cobiça, que sempre erra
Foi causa de um governo infame, & bruto.

⁵⁵ Id., *ibid.*, 48v-49.

Um vão desejo que a razão desterra
Pos valia, & balança no teu fruto,
Fez que servissem uns, outros mandassem
Uns fossem Deuses, outros adorassem.” (V, 41, 5-8 e 42)⁵⁶

O arrependimento logo se generaliza nos que a seguem de mais
perto,

“Todos a seguem, todos reconhecem
Seus conselhos de mais seguro acerto
Uns o castigo pedem que merecem,
Outros desculpa dão do desconcerto.
Mas ella quando viu que todos crecem
A recebê-la fora já de aperto
Aonde acharei, clama, o inimigo
Que pari meu, & como a filho sigo.” (V, 44)⁵⁷

e a encorajam a invectivar primeiro o filho, que é levado a pedir
desculpa,

“Humildade perdão pede da ousadia
Dando de melhor filho segurança,
Ella lho dá que nelle se confia
E do agravado pai também lho alcança.
A todos foi alegre aquelle dia
E muito mais alegre a esperança
De outros melhores dias, que o presente,
Que um feliz dia não vem só contente.” (V, 46)⁵⁸

⁵⁶ Id., *ibid.*, 49-49v.

⁵⁷ Id., *ibid.*, 49v.

⁵⁸ Id., *ibid.*, 50.

e depois o marido, que se redime do mal causado.

“Perdoai-me Isabel, que meu desejo
Era levar ao largo vossa vida
Mas pois com fraco vento a barca rejo
Não sairei da barra conhecida.
Largo caminho ao mar alcanço e vejo
Com próspera bonança me convida,
Mas pois o tempo é curto, nem mo destes
Dai-mo senhora vós, que eu estou prestes.

Não vos peço riquezas, nem bonança,
De Midas, do Romano Crasso, ou Cresso
Mas uma mediania que se alcança
Facilmente, que não pretendo excesso.
Quando não, um repouso, & segurança
De estado de qualquer pequeno preço
Porque não há estado mais pesado
Que viver um incerto sem estado.” (V, 48-49)⁵⁹

Reserva-se para o Canto VI e último o relato da morte. Com a coragem que a santidade lhe incute, Isabel de Aragão confronta-se com os males e exorta-os a molestarem-na, para lhes provar a respectiva fraqueza, e recolhe-se, depois, em oração, não só para proceder a uma avaliação e balanço do seu percurso de vida, onde, uma vez mais se encontram sintagmas camonianos, que fazem ocorrer ao leitor os momentos finais do episódio de Inês de Castro,

⁵⁹ Id., *ibid.*, 50v.

“Vivi, & acabei esta jornada
Contente vou, não fujo nem resisto
Fui Rainha, de filhos Mãe chamada
Mulher de um Rei tão alto, & tão benquisto.
Mas cedo me verei em pó tornada
Triste se me não tenho d’antes visto
Que quem morta quer ser Rainha altiva
Há-se de ter por pó, & nada em viva.

Sentença foi heroica, & subida
D’algum entendimento illustre, & alto
Que assi como para esta triste vida,
O ventre nos prepara estreito, & falto.
Assim esta despoys de possuída
Para a vida sem dor sem sobressalto
E todo o nascimento da criança
É da morte retrato, & semelhança.” (VI, 14-15)⁶⁰

como para reflectir sobre a mesquinhez da existência, a ponto de questionar os motivos por que tanto se estima a vida, expondo, numa atitude catequética, um sugestivo paralelo entre a vida terrena e a bem-aventurança celeste:

“Como as feições gentis, forma, estatura,
Disposição do corpo, & força pende
Daquela formação, & compostura
Que no ventre se faz, & se compreende.

⁶⁰ Id., *ibid.*, 53-53v.

Assim a condição, & fermosura
Da vida, d'alma quando o corpo a rende
Lá no mundo imortal seguro, & eterno
Pende das obras deste, & seu governo.

Qual teve nesta vida a natureza
Tal o ânimo é lá em outro estado,
Vil, baixo, miserável se em torpeza.
E deleites carnavais contaminado.
Feliz, alto, excelente, de nobreza
Imensa, generoso, alevantado
Se em virtudes, & santos movimentos
Ocupou as acções, & pensamentos.” (VI, 18-19)⁶¹

E se uma vez mais afloram conceitos neoplatônicos da lírica camoniana, muito particularmente, e uma vez mais, dos sonetos a Dinamene, quando se trata da alma que voa ao Céu, abre-se então caminho para a revelação do mistério da eternidade e da essência divina. Com a reflexão sobre a morte antes aduzida e agora do Céu, abordam-se, pois, dois dos Novíssimos do Homem que posteriormente irão inspirar Francisco Child Rolim de Moura.

“Alegra-te sublime entendimento
De nossa alma mais nobre, & alta potência
Que mui cedo terás conhecimento
Mais claro, & puro da divina essência.

⁶¹ Id., *ibid.*, 54.

Verdade é, que no vil, & terreo assento
Tinhas em algum modo esta ciência
Mas era por espelho, & por inima
Rosto, a rosto, verás a Deus em cima.” (V, 21)⁶²

“Incorruptível é o Céu, de nobre
Matéria feito, cor fermosa & bella
Mas por mais que està graça se descobre
A todo o mundo ele não sabe della.
O Sol de sua glória, é falto, & pobre
Pois dando resplendor à toda estrela,
E sendo Rey de todos os Planetas
Estas graças a elle são secretas.” (VI, 24)⁶³

A encerrar estas reflexões, o homem, ser fraco e perecível, apesar de usufruir do livre arbítrio e ser o responsável pelo seu último destino, acaba por ser reconhecido como um ente frágil e de conhecimento limitado.

“O homem só conhece o ser, que goza
Mas ai, que muitos obram diferente,
Eu mil vezes feliz, & mil ditosa
Se de meu nobre ser não vivi ausente.
Porém vossa paixão misteriosa
Peço meu bom senhor tenhais presente,
E lembro-vos o muito que fizestes
Por mil, pois numa cruz por mim morrestes.” (VI, 25)⁶⁴

⁶² Id., *ibid.*, 54v.

⁶³ Id., *ibid.*, 55.

⁶⁴ Id., *ibid.*, 55.

De acordo com o gosto barroco dominante, também a conclusão do poema não podia ser singela. Em primeiro lugar, procede-se a uma recapitulação biográfica da Rainha Santa, com alusão à sua morte e culto:

“De três estados foi retrato nobre,
De verdes anos santa de menina,
Do matrimónio aonde se descobre
Não se achar nas virtudes peregrina.
Não foi como o Jordão, que no salobre
Lago, perde seu doce em Palestina,
Mas foi como outro rio cujo nome
Entra vivo no mar, que todos come.

Nella espelho tem claro, & cristalino
As que em clausura amor divino encerra,
Que entregando-se toda ao amor divino
Depois que Dom Dinis o amor enterra.
Troca em saco, & cilício o traje fino
E o cabelo corta, & lança em terra,
Feliz perde Sansão a força, & Niso
O reino, & ela ganha o paraíso.

Em Coimbra Cidade de alto assento
Que de Atenas roubou a glória, & fama
Num lugar a que deu o fundamento
E que de clara se intitula, & clama.
De mil graças do Ceo nobre aposento
Onde também o Mundo mil derrama,
Jaz sepultado o corpo bello, & puro
Trás procelloso mar porto seguro.

[...] Sorte feliz, de todos desejada
E que a muitos por alto passa, & erra
Rainha cá no mundo foi chamada
Nem o Ceo este nome lhe desterra.
Qual Íris de mil cores variada,
Que traz um pé no mar, outro na terra
Ou qual do Simulacro a imagem bella
Que tem numa mão rosa, & outra estrella.” (VI, 27-29 e 31)⁶⁵

Depois, exalta-se a cidade que lhe acolhe o túmulo,

“Ó Coimbra famosa sobre quantas
O mundo exalta, & Faetonte doura
Sobre toda soberba te levantas
Co’ alto penhor que dentro se atesoura.
Com tua glória o largo mundo espantas
Nem já mais temas, que esta glória moura,
Que ficará teu nome, & fama eterna
A mal grado do tempo que a governa.” (VI, 34)⁶⁶

para, no fim, se reservarem as últimas estâncias para considerações de carácter mais pessoal, incidindo o autor no desespero sentido com a espera face ao reconhecimento do engenho poético próprio, no desfavorecimento da fortuna sentido, muito embora alimente a esperança de ver reconhecida para a eternidade a sua obra, cujo fim último é também o louvor e a apoteose de Santa Isabel de Aragão, Rainha de Portugal, por oposição a Isabel Tudor, a “ímpia Isabella”, Rainha de Inglaterra.

⁶⁵ Id., *ibid.*, 55v-56.

⁶⁶ Id., *ibid.*, 56v.

“Isabel escolhi por mais conforme
A este tempo da ímpia Isabella
Para que sua vida tão enorme
Se confunda com esta vida bella.
E com exemplo seu esta reforme,
Quando co’mau exemplo estraga aquella,
Qual ferido da rábida serpente
Olhando a do metal, remédio sente.” (VI, 48)⁶⁷

Em suma, com o pretexto de cantar a vida exemplar da Rainha Santa, Vasco Mouzinho de Quevedo Castelbranco compõe uma epopeia sobre uma heroína da paz e da conciliação dos desavindos, do amor ao próximo e da caridade, da piedade pelos deserdados da fortuna e da Fé inabalável em Cristo e na Virgem. Se os esquemas mentais e estilísticos reflectem um gosto requintado, sobrecarregado, por vezes, o certo é que o poeta faz do seu poema um testemunho da grandeza de sentimentos, do modelo de vida e da envergadura espiritual que em breve haviam de elevar Isabel de Aragão aos altares, nela confiando, de certo modo, a guarda do Reino de Portugal. Único bastião capaz de o retirar da crise em que se encontrava mergulhado, o significado deste poema supera a dimensão da literariedade e alcança um significado patriótico mais alargado, incluindo-se naquele vasto *corpus* épico que, durante o domínio filipino, preservou a identidade nacional e lançou o fermento para despertar a opinião pública para a Restauração da independência, que haveria de ocorrer cerca de quarenta anos mais tarde.

⁶⁷ Id., *ibid.*, 59.

Série Investigação

•

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

2020

Obra publicada

com a Coordenação Científica

•

C
E C H

CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1 2



9 0

UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

I
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U